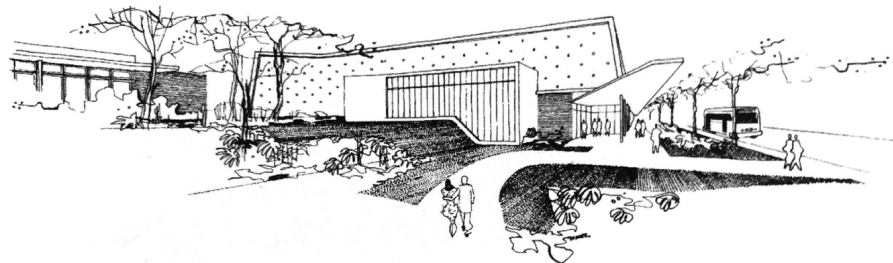


_editorial



O texto da seção “Aparte” abre esse número pautando uma importante reflexão no que diz respeito à cidade, a qual não se configura só pelo que ela é, mas também pelo que ela não é. Reflexões de base das discussões do Iº Seminário Regional do Habitat Rural: moradia, produção e a questão agrária no oeste paulista, que arriscou transpor tais limiares, lidar com essa contradição e, para além do perímetro urbano, chegar aos territórios habitados da não cidade.

O primeiro artigo, “A cidade caracterizada por seus espaços livres”, de Nayara Cristina Rosa Amorim e Glauco de Paula Coccoza, põe em discussão a importância do Sistema dos Espaço Livres, tendo como recorte a cidade de Patos de Minas. Os autores destacam a importância dos espaços livres, na configuração da malha urbana, evidenciou diversos questionamentos: as dificuldades de gestão e manutenção de espaços livres, a disparidade de escala e de qualidade entre os espaços livres públicos e os privados, a ausência de programas que incentivem a arborização urbana, a conscientização ambiental e a valorização das características da paisagem local e a inexistência de um planejamento e gestão integrada dos espaços livres.

Os artigos subsequentes colocam em evidencia importantes questões sobre as questões urbanas em cidades brasileiras. O artigo de Anderson Dall’Alba, “Subúrbio moderno, utopia burguesa: reflexões sobre a modernização de São Paulo e a suburbanização do Morumbi”, examina a suburbanização que envolveu parte das classes de renda média e alta da população de São Paulo ao final dos anos 1940, e que promoveu, nesse período, a ocupação do Morumbi. Para tanto, o autor nos apresenta o projeto de Oswaldo Bratke para o bairro Paineiras do Morumbi e destaca que o subúrbio foi encarado por parte das famílias nucleares de elite como oportunidade de realizar uma utopia de vida moderna, distante das condições urbanas conturbadas e heterogêneas que vinham se impondo na metrópole. O artigo de Rérisson Máximo, “Os Conjuntos-bairros e a expansão do espaço intraurbano de Fortaleza”, ressalta que a expansão

Figura: Estudo elaborado por Bratke para um centro comercial e de serviços no Morumbi (1951). Fonte: SEGAWA, Hugo; DOURADO, Guilherme Mazza. Oswaldo Arthur Bratke. 2. ed. São Paulo: PW Editores, 2012, p. 50.

da periferia metropolitana, por meio dos conjuntos-bairros, é muito mais uma decorrência da lógica da produção habitacional do que uma intencional e planejada integração socioespacial, política e econômica entre os municípios que integram a região metropolitana. O artigo “Reflexões sobre a habitação social contemporânea: uma proposta” de Eliane Constantinou e Letícia Bettio Machado, por sua vez, inferem que padrões tipo-morfológicos podem atender às diferentes demandas do déficit habitacional, produzindo uma habitação social sem caráter de produto massificado e proporcionando espaços humanizados.

O quinto artigo “O conjunto Jardim Ana Rosa e o Weissenhofsiedlung: aproximações”, de Sergio Luís Abrahão e Mirthes Ivany Soares Baffi convida a desvendar o conjunto Jardim Ana Rosa, construído pelo Banco Hipotecário Lar Brasileiro, na cidade de São Paulo, que tornou-se um significativo exemplar de arquitetura moderna. Ambos os casos mesclam harmoniosamente residências unifamiliares isoladas ou agrupadas no lote com blocos multifamiliares verticalizados, voltados ao bem morar da classe média.

O últimos artigos de Ivo Renato Giroto, “Discursos transatlânticos: diálogos entre o Cais das Artes e o Museu dos Coches, de Paulo Mendes da Rocha”, e de Guilherme Kujawski, “Metrópolis Beduínas”, revelam respectivamente considerações sobre aspectos da produção contemporânea de Paulo Mendes da Rocha, através da análise dos equipamentos culturais do Cais das Artes, de Vitória, e do Museu Nacional dos Coches, em Lisboa; assim como sobre práticas habitacionais de povos sedentários e nômades.

Ótima leitura!

Editores: Tomás Antonio Moreira e Francisco Sales Trajano Filho